

SAPATÃO-IMAGEM, SAPATÃO-POEMA: RETRATOS E ESCRITAS DE SI

Mariana Pacor

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Abordagens Teóricas, Históricas, e Culturais da Arte, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - SP, marianapacor@gmail.com;

Resumo

A ‘lésbica’ como outro nomeado pela *scientia sexualis* da patologização de um corpo a partir de uma prática sexual, essa que por oposição determina a norma heterossexual, como explica Foucault; vítima da mesma ciência que racializando os corpos determina os que são humanos e não humanos, os subalternos, os loucos, os outros, não é a que tratamos aqui. Buscamos tratar das corporalidades que se constroem lésbicas através da edificação de uma cultura, da resistência, da descolonização de seu corpo, de uma *ars erotica* que busca a auto-nomeação, a autorrepresentação, o autorretrato e a autonomia. A lesbianidade que buscamos pode ser historicizada a partir de si mesma, e se espalha em diversos nomes: tortillera, sapatão, fufa, gouine, dyke. A sapatão ressignifica a outridade negativada construindo uma alteridade poderosa, que não busca a igualdade, não busca ser assimilada pelas regras do sistema sexo/gênero colonial, hetero, branco, cis. Para a sapatão: a marginalidade da contracultura é seu campo de poder, onde se articula em micro-poderes e micro-resistências diárias, construídas coletivamente. É a sapatonidade da oralidade, dos coletivos, da arte e da poesia autônomas que buscamos aqui. A memória, sempre reinventada, a memória para que possamos olhar a história com olhos sapatões, em primeiro, e não, tão somente, olhar as sapatões com olhos históricos. O pensamento se constrói epistemologicamente a partir d’outro mundo possível: as teorias lésbicas feministas e queer. Para tal, analisamos os trabalhos visuais de J Lo Borges e Joan E Biran; e os poemas de Cheryl Clarke e Audre Lorde.

Palavras-chave: Sexualidade. Lesbianidades. Cultura. Arte. Poesia.

Introdução

S*cientia sexualis* versus *ars erotica*. Foucault informa que o sexo, ou melhor, a verdade do sexo é no Ocidente um discurso apropriado pela ciência médica que se empenha no escrutínio total das suas práticas e funções. O saudável do sexo está em jogo, o sexo passa a representar um perigo iminente quando é estabelecido como causa de um sem número de doenças. Assim, as práticas sexuais passam por um regime confessional que se dá, depois da igreja, no gabinete médico. O médico extrai do paciente a narração de seus prazeres, para devolvê-los a ele em forma de sintoma ou causa patológica. No confessionário, seria devolvido em forma de pecado e penitência. “A verdade não está unicamente no sujeito, que a revelaria pronta e acabada ao confessá-la. Ela se constitui em uma dupla tarefa: presente, porém incompleta e cega em relação a si própria, naquele que fala, só podendo completar-se naquele que a recolhe” (FOUCAULT, M., p.75, 2020).

O discurso de verdade sobre o sexo vai sendo construído e transformado pela religião, na confissão dos pecados e na cura pela penitência; depois, pela ciência-médica, na confissão de práticas transformadas em saudáveis ou não saudáveis. Todo o aparelho discursivo religioso-científico se organiza para ocultar do sexo um segredo: o prazer. Forja-se, em companhia da verdade moral do sexo, a verdade biológica do sexo. O sexo é a máquina reprodutiva que mantém um corpo social vigoroso e saudável, da família para o Estado e só. Oculta-se, então, do sexo os seus prazeres, é “contruído em torno do sexo e a propósito dele um imenso aparelho para produzir a verdade, mesmo que para mascará-la no último momento” (FOUCAULT, M., p.63, 2020).

Já no Oriente, o sexo é *ars erotica*, passada de geração em geração como segredo. De discípulo em discípulo, a verdade é extraída do prazer, sua matéria formativa, então há tantas verdades e discursos quanto existem prazeres. Tudo é recolhido da experiência e não das proibições e permissões da lei. O prazer não tem utilidade mais do que ser em relação a si mesmo, experimentado ao máximo, buscado nas reverberações do corpo e da alma. O prazer é passado como um segredo não por ser considerado obsceno ou infame, mas por ser sua

forma mais eficaz de aplicar-se a si mesmo. O prazer é segredo porque o segredo é prazer.

Entre *scientia sexualis* e *ars erotica*, no Ocidente, criamos novos prazeres que irrompem da vontade de saber sobre o sexo, de saber sobre o prazer, e de produzir verdade sobre ele. Aqui se inscreve a disputa sapatão.

O fazer histórico é a ruptura da fixicidade nas oposições binárias que aparentam ser inerentes e permanentes. Há Ocidente no Oriente e Oriente no Ocidente. Masculino é a supressão total do feminino, e seu contrário, mas as noções de feminilidade e masculinidade subscritas nesses termos podem ser localizadas num espaço/tempo específico e estão sempre em transformação. As palavras, os fatos e os conceitos não se estabelecem discursivamente, ou historicamente, sem conflito. Gênero, para Joan Scott, é uma categoria de análise das relações sociais e do poder inscrito na disputa de significação do masculino/feminino e na manutenção naturalizada do binômio que nega outras possibilidades de identificação. Nunca é sem conflito que uma hegemonia se estabelece, ao contrário, a violência necessária para que se estabeleça demonstra a existência de grande resistência. Inquisição, patologização, encarceramento, assassinatos, estupros e confissões fazem o papel repressivo dos gêneros e das sexualidades, mantendo a significação do binômio feminino/masculino subscrita aos ideais hegemônicos de feminilidade/masculinidade, ao mesmo tempo em que impedem as possíveis transgressões dessa binaridade que se organiza reprodutivamente pela heterossexualidade.

Para Monique Wittig, a lésbica não é uma mulher, desfaz o mito da mulher única e se identifica aquém e além do feminino/masculino hegemônico, rompendo o contrato heterossexual de complementariedade¹. A sapatão sacode as performances esperadas da mulher tanto sexualmente como socialmente. Notada a distância, a representação caminhão dá pinta: perturba a binaridade do sistema sexo/gênero e a suposta naturalidade heterossexual. É patologizada por isto, mas assim também coloca em xeque, através de suas contínuas resistências, o discurso religioso-científico de verdade sobre o sexo.

1 "A recusa em se tornar (ou continuar) heterossexual sempre significou recusar a se tornar um homem ou uma mulher, conscientemente ou não. Para uma lésbica isso vai mais além do que a recusa do papel de "mulher". É a recusa ao poder econômico, ideológico e político do homem." (Wittig, M., p.84, 2019)

Adrienne Rich fala de um *continuum*-lésbico que atravessa os tempos e espaços, na produção cultural que exalta o desejo entre mulheres. Essa apresentação é um recorte desse *continuum*².

Metodologia

Pela metodologia comparativa, pretendemos explorar a relação entre as obras visuais “Tríbadés”, de J Lo Borges, e “Eye to Eye: Portraits of Lesbians”, de Joan E Biren; e os poemas “Intimidade não é luxo”, de Cheryl Clarke, e “Encontro”, de Audre Lorde.

A descrição das quatro obras acompanha a marginalidade e a resistência lésbica na disputa do discurso de verdade dos gêneros e da sexualidade ocidental, através de uma *ars erotica* que transmite nas suas entre-linhas, geração à geração, o segredo dos prazeres lésbicos.

Resultados e discussão

Os laços entre o poema “Intimidade não é luxo”, de Cheryl Clarke, e a obra “Tríbadés”, de J Lo Borges, amarram uma continuidade codificada que esconde e desnuda a experiência. Essa é a máquina da *ars erotica* sapatão, pela qual, atravessando espaços-tempos, lésbicas fazem imagens e escritas de si:

Intimidade não é luxo aqui.
Telefones não podem ser tirados do gancho
ou linhas muito tempo ocupadas
ou conversas censuradas.
Sem tempo para contemplar nossas mãos
com medo de estendê-las
ou, depois de dá-las
temer soltar.
Estamos aqui.
Após anos de separação
mulheres aproveitam seu tempo,
dispensam velhas animosidades.

2 “A existência lésbica sugere tanto o fato da presença histórica de lésbicas quanto da nossa criação contínua do significado dessa existência. Proponho que o termo *continuum* lésbico inclua uma gama – ao longo da vida de cada mulher e ao longo da história – de experiências identificadas com mulheres, não simplesmente o fato de que uma mulher teve ou conscientemente desejou ter uma experiência sexual genital com outra mulher.” (RICH, A., p.65, 2019)

Tribadismo é uma panaceia ancestral e vale a pena
uma panaceia ancestral e vale a pena.³
(Clarke, C. apud Zabotto, T., p.1, 2016)

Cheryl Clarke é poeta, professora, e lésbica-feminista negra norte-americana. J Lo Borges é grafiteira, pesquisadora autônoma, e lésbica-feminista negra carioca. Em sua obra, J Lo espalha tinta em seu sexo e pratica o tribadismo com a tela. No verso final de seu poema, Cheryl Clarke afirma a histórica ancestralidade sapa na qual a panaceia se impõe curando feridas das portas de armário fechadas e de todas as outras.

No trabalho de J Lo, a lesbianidade está presente enquanto não é cientificamente detectada; imanentes, as Tríades não passaram pelo escrutínio medical. A imagem não é inerente ou permanente, não deriva de nada, a imagem é movimento e transformação. O tribadismo é a tecnologia. A *ars erotica* mostra sem mostrar; as cores quentes e as formas abstratas que foram uma vez o sexo dizem o indizível, transmitem o segredo inter-geracional do ser sapatão. Poema e quadro são um ponto de encontro, de reconhecimento para aquela que os vê, ao passo que também são imagem e discurso que constroem essa que se reconhece. São maneiras secretas de dizer da lesbianidade e suas práticas.

Mesmo que trate da prática sexual, o que importa nos trabalhos é a fricção discursiva entre lésbicas. Fricção que disputa a significação dos gêneros e das sexualidades engessadas no binômio estático feminino/masculino, e coloca em xeque a produção de verdade da *scientia*

3 Intimacy no luxury
Intimacy no luxury here.
Telephones cannot be left off the hook
or lines too long engaged
or conversations censored any longer.
No time to stare at our hands
afraid to extend them
or once held
afraid to let go.
We are here.
After years of separation
women take their time
dispose of old animosities.
Tribadism is an ancient panacea and cost efficient
an ancient panacea and cost efficient.

sexualis. O tribadismo irrompe como um novo signo sexual que rompe a oposição binária entre o dentro e o fora. Produz significação, produz história, e se inscreve nos discursos do sexo dando sentido a uma experiência lésbica de ser no/com o mundo. O poema-tribadismo e o quadro-tríbade resistem descolonizando-se da linguagem sexual hétero e cis-normativa: lésbicas buscando autonomia na escrita de si através da autorrepresentação, auto-nomeação, e do autorretrato.

Não mais outras, nem outras das outras. Lésbicas: sujeito significando e criando a partir da tomada de posição frente ao poder subscrito na suposta neutralidade do discurso medical androcêntrico reprodutivo sobre sexo, gênero e sexualidade.

As tríades pensam por si.

Panaceia significa aquilo que cura todos os males e doenças. A poeta prescreve, contra a patologização das sexualidades, sua prática livre. O termo “tríbade” faz referência às mulheres indígenas que se relacionavam sexualmente. Por isso, este ato sexual ficou conhecido como “tribadismo” – friccionamento dos sexos para o prazer. O termo é ainda utilizado para designar o clitóris aumentado e denota a vontade colonial de patologização biológico-social de costumes indígenas, logo, parece mais que necessária sua despatologização, descolonização e ressignificação tríbade-quadro, tribadismo-poema.

Joan E. Biren é fotógrafa, diretora e lésbica-feminista branca estadunidense. JEB, acrônimo e nome artístico, publica o livro *Eye to eye: portraits of lesbians* (Olho no olho: retratos de lésbicas) em 1979. Ao longo do último mês de março, 42 anos depois, em ocasião da reedição do livro, JEB compôs uma série de conversas entre lésbicas artistas em sua conta do *Instagram*. O livro, um dos primeiros a retratar uma vasta comunidade sapatona, registrava atividades cotidianas de namoradas e amigas. JEB diz ali que o que a levou a ser fotógrafa foi primeiro ser lésbica. Queria falar de si, preencher as lacunas que faziam com que ela não se enxergasse nas imagens da arte. O registro de modos-de-ser lésbicos é seu tema, uma cultura lésbica, uma imagem lésbica. O desejo de comunidade continua, virtualmente, em *lives* de *instagram* no caótico pandêmico do início do século XXI. JEB explode as significações patológicas que os outros hétero-médicos inculcam à lesbianidade. Para tal, suas fotografias instauram a ordem simbólica de uma linguagem que dá sentido a outro mundo possível: um mundo lésbico-feminista e *queer*.

Neste mundo: encontros nus na sala de estar, abraços no parque, passeatas, momentos solitários de escrita, o reparo do motor de um carro, sorrisos, bebidas, sobretudos, jaquetas de couro, motocicletas e outros cotidianos lésbicos enquadrados pelos olhos sapatão de JEB.

O continuum-lésbico e o encontro poético-imagético-teórico é o que se celebra no livro de JEB, nesse breve artigo, e no poema “Encontro”, de Audre Lorde, preta, lésbica, mãe, guerreira e poeta, nas palavras da própria. Destaco aqui, início e fim:

Mulher, quando nos conhecemos no solstício
no meio do caminho entre seu mundo e o meu
margeadas entre a lua cheia e sem mais desculpas
seu cabelo ruivo queimou meus dedos e eu te abri
até a doçura

...

Venha para a curva do bojudo estômago do leão
deite sobre uma estação da chuva que julga
nos acoplamos, tivemos filhotes
temos mais do que tempo para trabalhar e outro
encontro
mulheres trocando sangue
nos quartos mais íntimos do momento
temos de provar da nossa fruta
pelo menos uma vez
antes de sermos mortas.⁴
(LORDE, A. apud Zabotto, T., p.2, 2016)

4 Woman when we met on the solstice
high over halfway between your world and mine
rimmed with full moon and no more excuses
your red hair burned my fingers as I spread you
tasting your ruff down to sweetness

...

Come in the curve of the Lion's bulging stomach
lie for a season out of the judging rain
we have mated we have cubbed
we have high time for work and another meeting
women exchanging blood
in the innermost rooms of moment
we must taste of each other's fruit
at least once
before we shall both be slain.

Considerações finais

As obras aqui apresentadas são uma pequena amostra de artistas que compõem minha pesquisa de mestrado no Programa de Pós-graduação de Artes da UNESP, nessa pesquisa procuro possibilidades de um arquivo de artes lésbicas. Penso nas infinitas relações que poderiam ser traçadas se tivéssemos reunida a produção imagética lésbica. Faço uma historiografia que procura artistas, dos fins do séc. XIX à contemporaneidade, pelo nexos da lesbianidade e de suas comunidades. Em contrapelo à história geral ocidental da arte, e subvertendo os discursos hegemônicos inscritos nessas imagens, uma linha contínua de existências sapatonas desejando significar-se se apresenta.

Audre Lorde e JEB eram amigas, a primeira foi mesmo fotografada em seu escritório pela última, fotografia esta presente no livro do qual falamos. J Lo Borges conhece a escrita de Cheryl Clarke, e mesmo que a mão dupla não se estabeleça, assim também é a continuidade mestre-discípulo de um *continuum*-lésbico feito em *ars erotica*. Relações que se multiplicam em encontros físicos ou metafísicos.

Achamos um tipo de constante, as lésbicas preferem se organizar de maneira autônoma. Em redes de apoio e criatividade espalham-se travando batalhas pela significação do mundo. O sapatão está por todos os lados, ora discretas ora afirmativas, ora indecifráveis ora declaradíssimas, ora no masculino ora no feminino, e então atravessam a história da arte de maneira fundamental a revoluções do campo. Suas representações perturbam a aparente permanência das oposições binárias nas imagens homem/mulher, sujeito/objeto, artista/musa, eu/outro. Sapatão-múltiplo. Assim é fundamental para a historicização dos discursos do sexo partir de olhos e línguas sapatãs, para caminhar em direção aos prazeres múltiplos que se escodem embaixo das pretensas verdades únicas.

Agradecimentos

Agradeço Audre Lorde, Cheryl Clarke, J Lo Borges, Joan E. Biren e tantas outras que enquanto estudo me permitem continuamente olhar para trás, para frente e para mim.

Referências

FOUCAULT, Michel. **Scientia Sexualis**. In: **História da sexualidade: 1. A vontade de saber**. Editora Paz&Terra, São Paulo, 2020.

RICH, Adrienne. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica & outros ensaios**. Editora A Bolha, Rio de Janeiro, 2019.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: Org. BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa. **Pensamento Feminista: Conceitos Fundamentais**. Editora Bazar do Tempo, Rio de Janeiro, 2019.

WITTIG, Monique. Não se nasce mulher. In: Org. BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa. **Pensamento Feminista: Conceitos Fundamentais**. Editora Bazar do Tempo, Rio de Janeiro, 2019.

ZABOTTO, Thamires. O sexo e o amor à mulher na poesia de Audre Lorde e Cheryl Clarke. In: **Germina - revista de literatura & Arte**. Disponível online. São Paulo, 2016.